

O SAPIENCIALISMO DE ISRAEL E A MISSÃO INTEGRAL DA IGREJA

Regina Fernandes Sanches¹

RESUMO

Em Israel, desde suas origens como povo organizado, desenvolveu-se uma forma de sapiencialismo que se identificava com os modelos culturais das nações em volta, mas possuía como princípio fundamental o temor do Senhor e a Lei de Javé. A *hokma* era uma forma de saber e linguagem voltada para as questões vivenciais e éticas. Ela apresentava um caráter pedagógico que visava a prática do bom senso na vida. A Igreja herdou do próprio Jesus o ofício sapiencial, pois ele demonstrou ser o sábio por excelência. Cabe à ela desenvolver sua missão também ocupada com a horizontalidade da vida, nos moldes da sabedoria, a fim de que seja de fato integral.

Palavras-chave: sabedoria, sapiencialismo, missão, cultura, teologia

INTRODUÇÃO

A teologia do Antigo Testamento não se deu na forma de especulações filosóficas ou abstrações teóricas, mas com o foco na vida em sua relação com Deus, narrada a partir da história de Israel. O conteúdo do Antigo Testamento não é uma teologia sistematizada ao modo da teologia atual, mas é um saber histórico e narrativo sobre Deus, inspirado pelo Espírito Santo,

¹ Mestre em Teologia e Práxis pela FAJE. Professora e Coordenadora da graduação da Faculdade Refidim. Autora dos livros **Teologia da Missão Integral**, 2008. Reflexão e **Teologia Viva**, 2012. Reflexão.

mas expresso na cultura e linguagens humanas. Esse conhecimento de Deus foi revelado de modo radical na encarnação de Jesus Cristo, que é o saber de Deus em pessoa, para o qual converge toda a história.

É a ideia do Deus que se manifesta na vida e que nos salva nela que está por trás dos textos do Antigo Testamento. A própria história de Israel é prova definitiva dos atos graciosos de salvação de Deus, por isso deveriam ser contados, cantados e rememorados à cada situação histórica do povo. A linguagem usada para isso foi sapiencial, ou seja, com preocupações não de ordem existencial, mas de vivência cultural, dos relacionamentos e da organização de vida do povo.

1 O SAPIENCIALISMO

No Antigo Testamento há uma literatura especificamente sapiencial, mas este modo de pensar está presente em todo contexto bíblico. Trata-se de uma forma pedagógica e ética de lidar com a realidade, que faz parte até os dias atuais de algumas culturas africanas, indígenas, asiáticas, orientais e nas expressões populares da cultura latino-americana. É um modo de saber sobre Deus e a realidade a partir da horizontalidade das relações humanas no mundo e com o mundo.

Podemos afirmar que o modo sapiencial estava para o pensamento hebraico o que a filosofia grega estava para alguns pais da Igreja do período antigo (Justino, Clemente e Orígenes de Alexandria). Vélchez a define como um sistema abrangente e integral:

Entendemos por sabedoria um sistema de valores, uma compreensão total do mundo por parte do homem. Abrange o homem e seu mundo referencial, isto é, suas relações com o âmbito do divino, do humano e do mundo material que o rodeia.³⁷

Sabedoria vem do termo hebraico *hokma*, e como conforme define L. Monloubou, tem a ver com “[...] a capacidade do homem, inata ou adqui-

² LÍNDEZ, José Vélchez. **Sabedoria e sábios em Israel**. São Paulo: Loyola, 1999. p. 59.

rida, de bem conduzir a própria vida e, se possível, de ser feliz”.³ Ele ainda afirma que a sabedoria tem a ver com a habilidade e a compara com uma filosofia que “[...] parte da vida e se aplica a todos os domínios da existência”. Norman K. Gottwald define a sabedoria como um modo diferente de olhar para a realidade:

[...] representa um modo de ver o mundo baseado em íntima observação e cuidadosa reflexão, num empenho por discernir a harmonia e a ordem substanciais que se percebem serem constitutivas dele.⁴

A sabedoria busca desenvolver estratégias de vida que farão parte da relação entre a existência humana e a ordem de Deus no mundo. Ela não somente tem a ver com a compreensão da realidade, mas com sua orientação e transformação a partir da própria vivência e experiência dessa realidade.

1.1 Os sábios em Israel

Os sábios de Israel não eram pessoas céticas ou não religiosas, ao contrário, afirmavam a fé não somente em ocasiões litúrgicas, mas para toda a vida. Isto tem levado alguns a interpretá-los como pensadores existencialistas e com pouca contribuição para o conteúdo revelacional do Antigo Testamento. Esta tendência é própria principalmente daquelas vertentes da teologia que vêem a revelação bíblica como um conjunto de conceitos sobre Deus. Nesta ótica, realmente os textos sapienciais não possuem muito a dizer sobre Deus, pois não elabora conceitos e nem define objetos. Mas isso não é uma característica unicamente do pensamento sapiencial, mas de toda teologia do Antigo Testamento.

Compreender a natureza do líder sapiencial é mais fácil para pessoas das culturas tradicionais, que contam com a presença de anciãos ou chefes

³ LÍNDEZ, 1999, p. 59.

⁴ GOTTWALD, Norman. **Introdução socioliterária à Bíblia hebraica**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1988. p. 525.

tribais que orientam os seus liderados pela via do conselho e da experiência da vida, portanto, estão mais próximas dessa tradição bíblica.

Os sábios formavam em Israel uma categoria de liderança paralela à dos profetas e sacerdotes. Jeremias comprova isso ao afirmar: “[...] porquanto não há de faltar a lei ao sacerdote, nem o conselho ao sábio, nem a palavra ao profeta [...]” (Jr. 18.18). Eram pessoas que se ocupavam em compreender o funcionamento da vida à luz da fé em Javé e da sua lei. Tratava-se de um pensar eminentemente prático e comprometido com a história do povo e sua organização social.

Como agentes da sabedoria deveriam estar sintonizados com as questões cotidianas da comunidade, como: as relações familiares e interpessoais, relações nacionais e internacionais, economia doméstica e o funcionamento do mundo em geral. Os ensinamentos brotavam da dinâmica familiar e comunitária e eram iluminados pelos mandamentos de Deus. A linguagem era a mesma da comunidade, apropriada para o conselho e ensino. Normalmente utilizavam provérbios conhecidos do povo, desenvolvidos ao longo de sua história ou adaptados da sabedoria de outras nações. A autoridade do ensino fundamentava-se na origem da própria sabedoria em Deus, como aquela por meio da qual o mundo fora criado (Prov. 8).

A linguagem sapiencial era, em certo sentido, universal e não privativa de algumas camadas privilegiadas da sociedade da época do Antigo Testamento e nem mesmo restrita a um ou outro povo. Ela estava presente nos vários povos do Oriente Antigo. Tanto quanto o pensamento e a língua grega tornaram possível a comunicação do evangelho no ocidente, a linguagem sapiencial era uma via possível para o anúncio de Deus no mundo antigo.

1.2 A sabedoria e a teologia da missão

Tanto no período bíblico como nos dias de hoje a linguagem sapiencial ultrapassa as barreiras culturais e se dá em várias culturas e segmentos sociais, o que a torna sempre atual e completamente providencial para a compreensão da fé.

Embora cada povo expresse uma forma própria de sabedoria conforme cada cultura, elas parecem ser unânimes nos princípios que as regem: guardar as tradições que surgem das experiências de vida de um povo, culturais ou religiosas, atualizar essas tradições para as situações de vida e orientar a vida no mundo de forma que ela seja conduzida em plena harmonia. Os sábios do Antigo Testamento afirmavam, todavia, que a sabedoria que parte do temor do Senhor é a única que poderia de fato cumprir este papel, conforme explica Ivo Storniolo:

Pouco a pouco Israel se deu conta de que somente Deus pode abarcar a totalidade do universo e da vida, do tempo e da história; somente ele conhece o misterioso caminho da pessoa e da humanidade, e somente ele tem acesso à sabedoria absoluta.⁵

A verdadeira sabedoria humana está em o quanto ela procede de Deus, pois ele é a sua fonte. Porém, por sua graça, Deus compartilhou da sua sabedoria com os homens e mulheres, mas somente ele a possui em plenitude. É por isso que os textos sapienciais são incisivos ao afirmar que somente é possível conhecer a Deus pela sabedoria, que Ele compartilhou conosco “O Senhor, com sabedoria, fundou a terra; preparou os céus com inteligência... Filho meu... guarda a verdadeira sabedoria...”(Prov. 3.19,21), “Porque o Senhor dá a sabedoria, e da sua boca vem o conhecimento e o entendimento”(Prov. 2.6).

A vida orientada pela sabedoria de Javé (Prov. 2.7) resulta em comportamento ético, relações saudáveis e prática do bom senso: “[...] pelo temor do Senhor os homens evitam o mal” (Prov. 16. 6); “O coração do homem traça o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos” (16. 9). A sabedoria nos conduz não somente para o conhecimento de Deus, mas para o conhecimento da vida criada por Ele.

Timóteo Carriker menciona como aspectos descritivos do saber sapiencial bíblico o ensino transmitido através de uma comunicação substancial, pois

⁵ STORNILO Ivo. **Como ler o livro dos Provérbios: a sabedoria do povo**. São Paulo: Paulus, 1992. p. 17.

destaca a soberania divina; a coerência, pois envolve uma ética pessoal e social; a contextualização em seu aspecto prático e afetivo; a especificidade; o caráter litúrgico, pois conduz ao culto e ao louvor; dialogicidade, por ser contextual e por sua acessibilidade e preocupação com o outro.⁶

Sabedoria e missão são dois aspectos essenciais da natureza do Povo de Deus. Se a sabedoria é caracteristicamente missionária, em um sentido integral, por ser anunciadora de Deus e seus propósitos para a criação na horizontalidade das relações, é certo que a Missão deve também ser sapiencial, ou seja, orientada pela sabedoria. O sapiencialismo bíblico nos remete para um encontro com a vida e o reinado de Deus sobre ela, daí a importância de sua recuperação em relação à missão. Deus é o Senhor da vida e é assim que ele deve ser comunicado na missão sapiencial da Igreja.

2 AS INFLUÊNCIAS DE OUTROS POVOS NA FORMAÇÃO DO SAPIENCIALISMO DE ISRAEL

De acordo com Georg Ziener, uma forma de sabedoria já existia na terra de Canaã, praticada pelos povos lá existentes antes da chegada dos israelitas, bem como nos povos do oriente da época de Israel. Certamente elas influenciaram na construção do pensamento sapiencial do povo israelita: “[...] logo que Salomão reestruturou o Estado de Israel pelo modelo dos reinos do Oriente Antigo, o interesse pela sabedoria se manifestou também em Israel”.⁷ Walmor Azevedo esclarece que ela de fato não era originária de Israel e nem pode ser considerada como pertencente a um único povo, mas é uma linguagem universal: “A literatura sapiencial não nasceu em Israel. Ela pode ser considerada uma articulação da arte universal da poesia com a fé no Deus único”.⁸ José Vílchez Líndez argumenta

⁶ CARRIKER, Timóteo. **Missão integral**: uma teologia bíblica. São Paulo: Sepal, 1992. p. 118- 128.

⁷ ZIENER, Georg. A sabedoria do oriente antigo como ciência da vida. In: SCHREINE, Josef R. **Palavra e mensagem**. São Paulo: Paulinas, 1978. p. 368.

⁸ SILVA, Ailton José; AZEVEDO, Walmor Oliveira; OLIVEIRA, Emanuel Messis. **Sabedoria**. Série Estudos Bíblicos no. 48, Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 22.

que esse não foi um fenômeno somente do sapiencialismo, mas aconteceu praticamente em todas as instituições de Israel:

A Mesopotâmia, e de modo geral o oriente geográfico, influenciou Israel de modo marcante, fazendo-se presente em todas as suas instituições, de modo particular no Antigo Testamento.⁹

Quando Israel surgiu como um povo havia várias nações com suas próprias tradições e instituições há muito estabelecidas. Israel nasceu entre nações, tendo contato com culturas diversas. O êxodo representou também um período de purificação cultural do povo e a construção de modos de vida orientados pela lei de Javé. Era necessário principalmente dessacrar a cultura que trouxeram do Egito e refazê-la à luz do conhecimento de Javé que desenvolveram no deserto. A contextualização no novo momento histórico e teológico era um processo inevitável para que Israel se configurasse como povo de Deus.

A sabedoria praticada pelos povos do oriente antigo fundamentava-se na concepção de uma ordem divina que regia e sustentava o mundo existente, nada parecia acontecer por acaso, mas a ação levava a consequências inevitáveis. Nos conselhos proverbiais dessa época está claro que a ação deveria ser medida, pensada e orientada por conselhos de sábios, conforme o ensino de *Ptahhotep*, um vizir do tempo do rei Isesi, da Quinta dinastia egípcia (ca. 2600) na época do Antigo Império Egípcio: “Quando o filho aceita o que o pai diz, nenhum de seus planos fracassará”. A ideia da retribuição nesse provérbio também foi uma das fortes características do sapiencialismo mais antigo de Israel, que de acordo com J. Schreiner procedia da identificação com a sabedoria dos povos antigos, como egípcios, mesopotâmicos e cananeus etc. Essa identificação ele considera ser referente aos fundamentos (a ordem universal), a objetos de reflexão (o homem e sua realidade) e a ética humana (que rege a ação e determina suas consequências).¹⁰

⁹ LÍNDEZ, 1999, p. 23.

¹⁰ SCHREINER, 1978, p. 34.

Mas a sabedoria israelita diferenciou-se por relacionar todos esses aspectos ao princípio básico e fundamental que era o conhecimento de Javé, o Deus de Israel, o único Deus verdadeiro. Somente a sabedoria que procede dele seria a verdadeira. José Vílchez chama esse processo de “filtragem”, dando à ela a identidade própria da cultura de Israel: “Os sábios de Israel souberam filtrar a sabedoria estrangeira segundo sua própria identidade nacional e religiosa”.¹¹ Ele argumenta que Israel nasceu entre as nações culturalmente mais desenvolvidas da época e isto lhe favoreceu, principalmente no desenvolvimento de sua própria cultura. O sábio de Eclesiastes ensina que não há novidade sob o sol, mesmo nos costumes humanos: “O que foi tornará a ser, o que foi feito se fará novamente; não há nada novo debaixo do sol.” (Ec. 1:9). Segundo os povos antigos somente uma submissão irrestrita à ordem divina reinante no mundo, que eles chamavam de sabedoria, poderia produzir a felicidade humana. No caso da teologia de Israel esta ordem vem de Javé.

3 O DESENVOLVIMENTO DO SAPIENCIALISMO EM ISRAEL

Atribui-se a Salomão tanto a organização política do Estado de Israel, conforme estavam organizados os reinos do Antigo Oriente, como o desenvolvimento da vida cultural da nação: “A sabedoria de Salomão foi maior que a de todos os filhos do Oriente e maior que toda a sabedoria do Egito” (I Reis 5.10). Nessa afirmação bíblica reconhece-se a importância da sabedoria egípcia, que se tornou referência no mundo antigo, e da sabedoria dos outros povos do oriente antigo. O texto compara-as e afirma a superioridade da sabedoria de Salomão.

O exílio babilônico também cumpriu papel determinante no desenvolvimento do pensamento cultural e teológico de Israel. Na sabedoria pré-exílica predominou a chamada “doutrina da retribuição”, onde o jogo da causa e efeito era evidente, e se apresenta de maneira bem clara nas

¹¹ LÍNDEZ, 1999, p. 34.

coleções mais antigas do livro de Provérbios (10. 1-22.16 e 25- 29; 22.17-24.33). Os textos pós- exílicos, que surgem da experiência de Israel com outros povos e outras culturas, revelam uma realidade humana israelita dentro de um contexto histórico, geográfico e político diferente. A compreensão de mundo foi ampliada com o encontro com outras civilizações, suas culturas e mentalidades. Um exemplo disso é a coleção mais tardia de Provérbios (1-9), que já não se apresenta na forma de sentenças curtas e sugere uma mudança importante na reflexão sapiencial de Israel.

Em um período mais tardio de Israel houve uma crise da sabedoria que deu origem aos livros de Jó, Eclesiastes, certas coleções dos Provérbios e os deuterocanônicos da Sabedoria e Eclesiástico. Certos aspectos que caracterizavam o sapiencialismo antigo praticado em Israel, como a doutrina da retribuição, foram postos em revisão pelos novos sábios, à luz das mudanças da época. Este é o caso do livro de Jó, que questiona claramente a questão da retribuição, deixando claro por meio da história desse personagem que nem sempre coisas ruins acontecem somente com pessoas ruins e vice e versa. O livro do Eclesiastes reflete sobre a vida fazendo entender que se há uma ordem fixa no funcionamento do mundo e da vida nele, há um determinismo nisso, tudo é repetitivo e sem novidade, portanto, sem sentido, desolador.

Durante e após o exílio, com a reconstrução da religião em Jerusalém por meio das reformas de Esdras e Neemias, a ênfase recaiu sobre a Torá conforme explica Gottwald:

À medida que a Torá adquiriu predominância durante e após o exílio, a afirmação sapiencial de um mundo ordenado que proporcionava base firme à prática direita, focalizava-se sobre a Torá como a fonte alcançável e extraordinária de sabedoria.¹²

Ao mesmo tempo em que o contato com novas culturas ampliaram os horizontes dos exilados, até por questões identitárias assumiram a Torá como referência fundamental de sua religião e cultura. A ordenação da

¹² GOTTWALD, 1988, p. 525.

vida como preocupação da sabedoria agora passaria por esse elemento característico da fé de Israel.

4 A PRÁTICA PROVERBIAL

Quanto à relação entre a sabedoria e a prática proverbial presente nos principais escritos sapienciais bíblicos, Claus Westermann explica que os provérbios eram a forma tradicional de transmissão da sabedoria para as novas gerações, devido à sua facilidade de memorização e transmissão. No Brasil há vários deles que repetimos quase inconscientemente, como: “Em boca fechada não entra mosca”, referindo-se à necessidade de sermos comedidos e prudentes no falar. Todavia esse provérbio não é originário de nossa cultura, mas já foi localizado em tabuinhas mesopotâmicas do séc. VI a.C. Isto comprova a universalidade da linguagem sapiencial. Os provérbios de acordo com Westermann: “[...] existem em todo o mundo e em todos os idiomas; sua sabedoria é internacional e inter-religiosa”.¹³ Estas sentenças foram e ainda hoje são construídas e transmitidas a partir da tradição dos povos, inicialmente na forma oral e posteriormente escrita. Segundo Vílchez a tradição proverbial, depois da experiência pessoal, era não somente a principal fonte da sabedoria entre as novas gerações.¹⁴ Mas, com o decorrer do tempo o pensar sapiencial foi para além dos provérbios e gerou reflexões mais extensas, se fazendo presente também em outros gêneros literários como uma maneira de abordar a realidade.

5 O PENSAMENTO SAPIENCIAL E A TEOLOGIA ANTIGO TESTAMENTO

Claus Westermann, no entanto, não vê uma contribuição clara do pensamento sapiencial para a elaboração teológica de Israel: “[...] gênero

¹³ WESTERMANN. Claus. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 85.

¹⁴ LÍNDEZ, 1999, p. 34.

sapiencial, este não se enquadra neste esquema basilar da Teologia do Antigo Testamento”.¹⁵ Ele argumenta que a teologia do Antigo Testamento foi construída sobre uma base essencialmente histórica, e que a disposição canônica da Bíblia Hebraica é o caminho que revela seu pensar sobre Deus, nesse caso, ele menciona os livros históricos, proféticos e didáticos, descartando o gênero sapiencial por não constituir uma narrativa histórica e tratar especificamente da realidade humana e de suas manifestações culturais.

Se compreendermos o sapiencialismo como algo mais amplo e que não está reduzido a um conjunto de provérbios, verificaremos sua presença em toda estrutura do Antigo Testamento, bem como em partes do Novo Testamento. De acordo com Casiano Floristan Jesus exerceu o papel de sábio em seu ministério: “Jesus ensinou de acordo com a tradição sapiencial judia por meio de parábolas, sentenças, instruções e controvérsias”,¹⁶ ele ainda afirma: “[...] Jesus é o mestre que fica entre o profeta e o sábio”. O ensino de Jesus se deu em categorias expressivamente sapienciais, com conteúdo bastante pedagógico e vivencial.

A narrativa é o modo predominante da teologia do AT, não em função da narrativa em si, mas da vida com Deus e com o próximo. Trata-se, todavia, de uma forma de narrativa sapiencial, visando a ordenação da vida do povo, em que a fé em Javé e a aliança estabelecida com ele são os pontos fundamentais. A sabedoria é uma das tradições mais antigas de Israel e que esteve presente em toda a sua história, tornando-se determinante na construção do seu pensamento, principalmente sobre Deus, ainda que na perspectiva da vida social e cultural. Kaiser defende essa relação, que ele chama de “resposta à palavra divina”, tendo como elemento de intersecção o temor do Senhor: “Pode, portanto, ser dito em plena confiança que o temor ao Senhor era o conceito dominante e princípio teoló-

¹⁵ WESTERMANN, 1987, p. 10.

¹⁶ FLORISTAN, Casiano. **Teologia practica, teoria y praxis de la accion pastoral**. Salamanca: Sígueme, 1991. p. 40.

gico organizante na literatura sapiencial. Era a resposta da fé a palavra divina [...]”.¹⁷

O temor do Senhor, que é o princípio da sabedoria, pode ser mais bem compreendido como a “origem em Deus” e a relação de pertença e fidelidade à ele. Isto é devido na teologia sapiencial do Antigo Testamento porque conforme Provérbios 8 ele é o Criador, e, desde o início de todos os tempos a sabedoria é dele e pertence à ele:

O Senhor me criou como o princípio de seu caminho, antes das suas obras mais antigas; fui formada desde a eternidade, desde o princípio, antes de existir a terra. Nasci quando ainda não havia abismos, quando não existiam fontes de águas; antes de serem estabelecidos os montes e de existirem colinas eu nasci. (Pv. 8:22-25)

Outro ponto importante e definidor é que o sistema de pensamento israelita- judaico era integrador (no sentido de holístico), conforme mais bem explica Júlio Zabatiero quando o chama de “Conceito de vida pluridimensional”.¹⁸ Sendo assim, é impossível desvincular as questões vivenciais da história que origina a teologia do Antigo Testamento.

Não somente como sistema de pensamento, mas também como sistema de linguagem, a forma sapiencial ainda é hoje expressão de uma comunicação universal, que o torna de caráter internacional e o melhor caminho para a comunicação do conhecimento de Deus. Para Walmor Azevedo essa literatura do Antigo Testamento possui de fato um caráter missional:

A Literatura Sapiencial na Bíblia constitui uma grande obra de inculturação. Israel, aberto ao diálogo com outras culturas, sobretudo com o helenismo, se esforça para fazer sua fé e suas tradições compreensíveis aos outros”.¹⁹

No campo da inculturação vale mencionar inclusive, conforme destaque de Donald Senior, que o livro deuterocanônico da Sabedoria (50

¹⁷ KAISER, Walter C. **Teologia do Antigo Testamento**. 2. ed., São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 174.

¹⁸ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Liberdade e paixão**. Curitiba, Londrina: Des-coberta, 2000. p. 100.

¹⁹ AZEVEDO, 1996, p.24.

AD) procurou estabelecer certo diálogo com a filosofia dos gentios.²⁰ Ele explica que havia uma clara indisposição israelita em relação aos chamados gentios, no livro da Sabedoria há um esforço por dialogar com o pensamento filosófico- grego muito influente no mundo da época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revelação a partir da sabedoria em Israel assumiu uma forma muito mais horizontal do que a revelação a partir da mensagem profética, que “vinha do alto”. O conhecimento de Deus por meio da sabedoria se manifestou nas relações interpessoais e com a criação.

A Igreja é uma entidade teológica. Trata-se do povo de Deus que existe em torno do nome de Jesus Cristo e para o seu serviço. Mas ela é também uma entidade relacional e intramundana. Como tal, ela se faz mediante relações internas e externas com as mais variadas instâncias que a cerca. A razão da existência da Igreja é vertical, ou seja, ela vem de Deus e ele é sua finalidade, mas o serviço que ela faz para Deus se dá na horizontalidade das suas relações, porque é no mundo que ele é realizado, o que chamamos de missão. Esta missão necessita ser integradora dos vários aspectos da realidade, mas não por um acercamento meramente científico, caso contrário não será integrador. É preciso que o olhar para compreensão da realidade seja também sapiencial, bem como as ações de intervenção nela.

Os aspectos da vivência, contextualidade e popularidade, característicos da linguagem sapiencial são necessários para a Teologia da Missão. Uma missão integral deve considerar a cultura de cada povo e sua maneira de olhar e perceber a vida. Deve, de fato, se permitir fazer a partir dessa realidade específica, pois contextualização tem a ver com pertença ao solo e à cultura e não mera adaptação de um discurso.

²⁰ SENIOR, Donald; STUHLMEYER, Carrol. **Os fundamentos bíblicos da missão**. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 127.

A vivência no mundo é uma preocupação compartilhada por todos os povos do mundo, por meio de suas mais variadas culturas. Sendo este o campo de ação da sabedoria, faz com que o pensamento e a linguagem sapiencial se tornem meio de diálogo e troca de saberes de vida entre os povos, portanto, uma chave para o envolvimento missional da Igreja.

REFERÊNCIAS

- CARRIKER, Timóteo. **Missão integral**: uma teologia bíblica. São Paulo: Sepal, 1992.
- FLORISTAN, Casiano. **Teologia practica, teoria y praxis de la accion pastoral**. Salamanca: Sígueme, 1991.
- GOTTWALD, Norman. **Introdução socioliterária à Bíblia hebraica**. 2. ed., São Paulo: Paulus, 1988.
- KAISER, Walter C. **Teologia do Antigo Testamento**. 2. ed., São Paulo: Vida Nova, 1984.
- LÍNDEZ, José Vílchez. **Sabedoria e sábios em Israel**. São Paulo: Loyola, 1999.
- SENIOR, Donald; STUHLMEYER, Carrol. **Os fundamentos bíblicos da missão**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- SILVA, Airton José; AZEVEDO, Walmor Oliveira; OLIVEIRA, Emanuel Messis. **Sabedoria**. Série Estudos Bíblicos n. 48, Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- STORNIOLO Ivo. **Como ler o livro dos Provérbios: a sabedoria do Povo**. São Paulo: Paulus, 1992 .
- WESTERMANN, Claus. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Liberdade e paixão**. Curitiba, Londrina: Descoberta, 2000.
- ZIENER, Georg. A sabedoria do oriente antigo como ciência da vida. In: SCHREINE, Josef R. **Palavra e mensagem**. São Paulo: Paulinas, 1978.